

“O Bracinho” é o novo livro do jornalista e será apresentado amanhã no Teatro Micaelense

Emigração açoriana para o Brasil e a história de uma criança que se viu abandonada pela família no novo livro de Carlos Tomé

O jornalista e escritor Carlos Tomé apresenta amanhã, aos açorianos, o seu novo livro, num evento que terá lugar no Teatro Micaelense, pelas 18h30. O autor diz que o livro “O Bracinho” é uma novela e conta na mesma a história de uma criança que, aos seis anos, sentiu a partida da família para o Brasil, ficando ela atrás: por ser portadora de uma deficiência física. Carlos Tomé garante que se sentiu impelido a contar esta narrativa verídica que, talvez, se tenha repetido incessantemente em tempos de emigração açoriana.

Como nasce a ideia de escrever esta história?

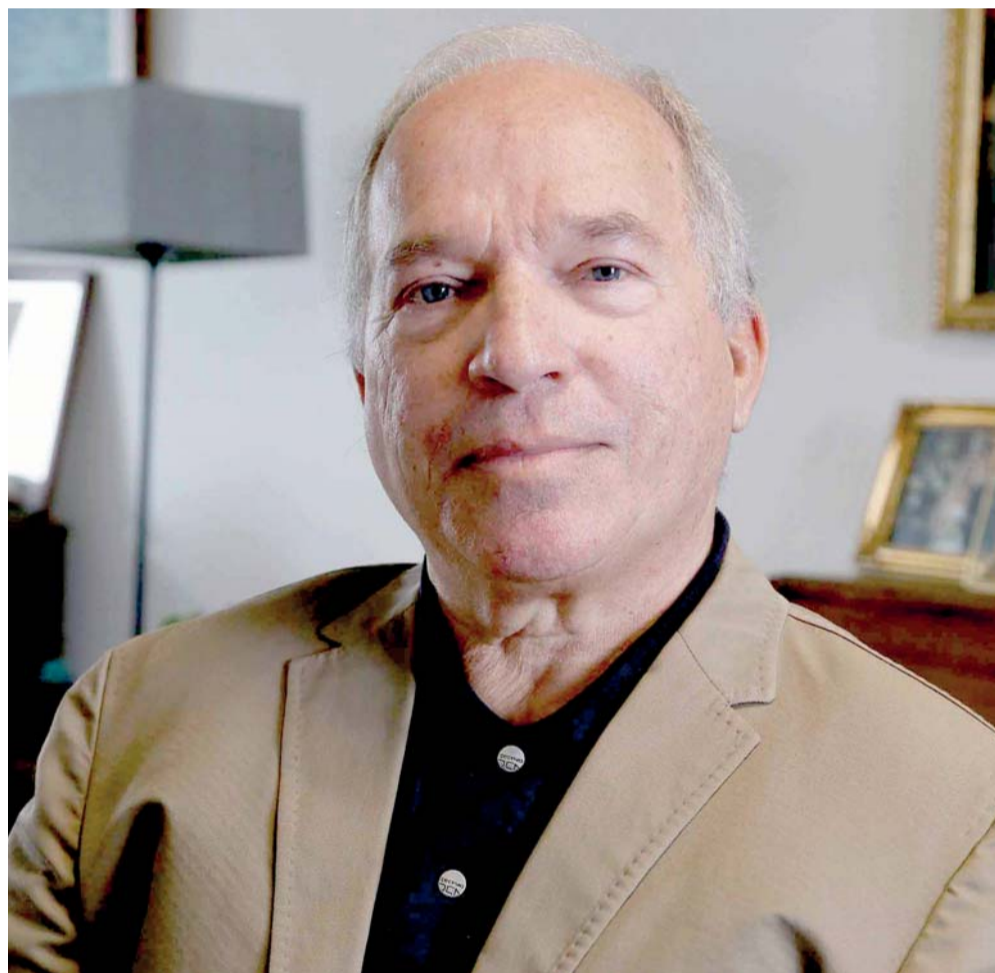
Decidi tentar construir uma novela a partir desta história no momento em que a ouvi pela primeira vez. Quem me contou foi a minha mulher, que a ouviu do próprio protagonista desse acontecimento dramático ocorrido há quase 60 anos e que o marcou para o resto da sua vida. É uma história tão violenta de desamparo, de incompreensão e de angústia que comecei por duvidar da sua veracidade.

De forma resumida, o que nos conta esta narrativa?

Em poucas palavras, trata-se da história de um menino de seis anos que foi deixado em S. Miguel, com uma tia, no dia em que os pais e três irmãos mais velhos emigraram para o Brasil. Portador de uma deficiência física, já que não tinha o braço esquerdo – apenas um coto –, o pai considerara que ele só iria constituir um estorvo para a família nos seus esforços para se estabelecer numa fazenda, nos arredores de S. Paulo, onde seria necessário que todos trabalhassem muito.

Ora, é fácil imaginar o violento trauma a que essa criança foi submetida, não só por o grande responsável por tal crueldade ter sido o seu próprio pai, como por essa decisão o privar, de um momento para o outro, da sua vida tal como a tinha vivido desde sempre, e da companhia, do aconchego, do amor do seu núcleo familiar.

António, nome que decidi atribuir-lhe, lutar sempre contra esse estigma de ter sido, como ele pensou ao longo de toda a vida, rejeitado, abandonado, tratado como um imprestável. E chegou, por isso mesmo, a sentir-se envergonhado perante as pessoas da sua freguesia, precisando de tempo para voltar a interiorizar que, apesar de tudo, era o rapazinho de quem todos gostavam, o “Bracinho” como carinho-



samente lhe chamavam.

O que lhe foi acontecendo, ao longo da vida, numa lenta e penosa reconstrução interior, nunca lhe apagou da memória, nem da alma – por assim dizer – esse momento em que, como ele próprio afirmou, terá morrido, para logo a seguir renascer. Só que com outra mãe, a tia. E, claro, sendo ele mesmo outro António, amargo, desiludido, revoltado. Bem diferente do rapazinho feliz que era.

Não quero retirar aos eventuais leitores a possibilidade de uma ou outra surpresa no percurso de vida dele e, por isso, só acrescentarei que ao António, já homem maduro, se apresentou o ensejo de enfrentar, de novo, todos os seus traumas. E de lidar com eles.

Aborda neste livro o tema da emigração. Como o faz e por que sentiu necessidade de recorrer a esta temática aquando da escrita deste livro?

Disse há dias, numa outra entrevista, que esta história me foi imposta. Sem querer parecer pomposo, continuo a pensar que fui como que atingido pela brutalidade desse acontecimento e que, ainda não tinha acabado de ouvir essa história e já me sentia impelido a escrevê-la, embora ficcionando-a, dando-lhe contornos que a minha liberdade de ficcionista pudesse criar e, claro, alterando nomes e locais para salvaguardar a privacidade dos intervenientes.

A circunstância de se tratar de algo relacionado com a emigração não me prende a esse fenómeno

que mudou a História dos Açores e dos açorianos. Em boa verdade, a novela passa ao lado de quase tudo o que acontece à família do António na fazenda para onde foi viver. É o António, o “Bracinho”, quem está no centro da trama, é ele o grande protagonista.

Assim sendo, é aceitável considerar a situação criada ao António uma das muitas que a emigração açoriana provocou, mas tenho dificuldade em arrumá-la no vasto catálogo das histórias da emigração. Um catálogo, como se sabe, com milhares delas.

1960 é o ano que marca o tempo desta história. Escolheu esta altura por algum motivo? Como era São Miguel nesta altura?

Escolhi esse ano para o início da acção por ter sido aquele em que, aproximadamente, se deram os acontecimentos. Talvez por ter sido jornalista toda a minha vida, mantenho a vontade de, mesmo enquanto escritor, não ficcionar mais do que o necessário. Por outras palavras, entendo que tudo aquilo que o leitor identificar como verdadeiro só o faz acreditar nela. E eu quero que os leitores acreditem na história do “Bracinho”. Porque é verídica, porque houve mesmo um menino de seis anos que, na doca de Ponta Delgada, viu, entre lágrimas de desespero, os pais e os irmãos partirem para o Brasil.

Que mensagem pretende dar aos seus leitores com este novo livro?

Em boa verdade, nenhuma. Não me atrevera a

isso. “O Bracinho” é uma novela, conta uma história e nada mais pretende do que suscitar ao leitor o interesse de a continuar lendo a partir da primeira linha. Se esse leitor prosseguir e se, como desejo, chegar ao ponto final, então estará na sua mente, e não na minha, a mensagem, ou mensagens, que o livro possa suscitar.

De que forma este livro difere dos seus outros livros?

Desde logo, trata-se de uma novela. A designação tem alguns detractores, sei que há gente que erradamente a relaciona com as telenovelas, mas a verdade é que não está construída como um romance. Nos anteriores, como sabe quem os leu, fui desde o livro de contos ao romance. Este foi uma experiência nova e posso dizer que gostei dela.

Que expectativas tem em relação à venda e adesão a esta nova narrativa?

Como gostaria de dizer que espero chegar às dezenas de milhares de exemplares vendidos! Não pelas vendas em si, garanto, mas pelas dezenas de milhares de leitores que essas vendas representariam. No fundo, como todos sabemos, o que os escritores pretendem é que os leiam. Tal como os músicos querem ser ouvidos por multidões ou os pintores desejam os seus quadros nas mais famosas galerias. Narcisismo, isso? Talvez, talvez. Mas acho preferível esse desejo de ser lido, ouvido e visto em função daquilo que representa na divulgação de uma obra, do que por querer, apenas, as multidões por aquilo que trazem em notas de euro ou de outra moeda qualquer.

Como decorrerá a apresentação do livro?

Será uma sessão muito simples e o mais informal que eu e os meus parceiros consigamos. A Renata Botelho fará a apresentação do livro, com a sua alma de poeta certamente a ditar-lhe frases imerecidas sobre o que leu – o que desde já aceito e agradeço, creditando-as na conta da nossa amizade –, mas um pouco antes teremos uma intervenção do sociólogo Fernando Diogo, a quem desafiei a uma breve análise, do ponto de vista sociológico, ao acontecimento que esteve na génese desta novela, designadamente ao impacto que terá tido numa criança de seis anos, como era o António.

Aproveito para relembrar que a sessão de lançamento está marcada para as 18h30 desta Terça-feira, 26, no Teatro Micaelense. E que, já agora, todos são bem-vindos. Mais ainda: a entrada é grátis.

Tem alguma ideia nova na manga para um futuro livro?

Por enquanto, nada de concreto. Fragmentos de histórias, só isso. Sendo muito pouco para falar, sequer, num novo projecto, devo dizer que também é muito cedo para me sentir pressionado a retomar a escrita. Este “O Bracinho” ainda está demasiado presente. Ainda sonho com o António.

Patrícia Carreiro

